

CDU 299.6:398.4(811.51)

TODAS AS DIVINDADES SE ENCONTRAM NAS "ENCANTARIAS" DE BELÉM

Napoleão Figueiredo
*Prof. e Chefe do Grupo de
Antropologia da UFPA*

JN-00010060-1

Belém, na embocadura do Rio-Mar, pórtico da Amazônia, é Capital do Estado do Pará e sede de Município. Têm 365 anos de fundação e está com perto de um milhão de habitantes, distribuídos em 21 bairros e 40% de sua área é constituída por baixadas permanentemente alagadas (Mapa I — apud Vergolino e Silva, 1976)

Diègues Jr. (1960:20) nos mostra que, na Amazônia, as "características físicas estão no domínio da floresta e da água, que igualmente condicionaram o processo de ocupação humana e o modo de vida regional . . . e onde, a floresta e a água, influíram na formação de mitos e credíncias e igualmente na rarefação demográfica.

Os dados fornecidos pelas estatísticas oficiais mostram que a grande maioria da população de Belém se declarou católica, evangélica ou sem religião, entretanto, outros experimentos religiosos têm incidência na cidade como o Kardecismo; o Nagô, o Bantu-Ameríndio, a Jurema e a Umbanda, praticados por filiados ou não à Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros; o Teosofismo, a Pajelança, além de seitas religiosas de origem oriental recentemente instaladas na cidade.

À proporção que a cidade se urbanizou sua população se distribuiu de forma muito variada. Esse fenômeno já foi estudado anteriormente por Pentead

(1968:193-213) que concluiu que "Belém se destaca sobremaneira como um importante centro regional, cuja existência aliás, sempre derivou de sua posição geográfica excepcional" e que "os bairros da zona norte e da zona sul contêm a maior parte dos habitantes de Belém, em detrimento dos bairros do centro e do leste da cidade, o que se explica por serem esses bairros habitados por uma população muito pobre e bastante prolférra, que reside em pequenas casas ou "barracas", construídos em lotes diminutos, às vezes mesmo sobre as margens lodosas de igarapés, ao passo que a área central vai se esvaziando graças à invasão do comércio, e os bairros da zona leste se estabilizam na tranqüilidade de seus amplos quarteirões, separadas pelas largas avenidas muito arborizadas".

Figueiredo & Vergolino e Silva (1967:101-122) estudando o problema dos cultos chamados popularmente de afro-brasileiros, constataram que nas religiões mediúnicas com incidência na cidade, . . . "Traçando-se um "gradient" conceitual, a partir do Kardecismo praticado na União Espírita Paraense ao culto afro-brasileiro, levado a efeito nos terreiros, observamos: nas casas kardecistas é grande a freqüência de pessoas de alto nível, onde a classe média-alta exerce liderança, e onde também encontramos a classe média-média e a classe média-baixa. À proporção que nos acercamos dos cultos com reminiscências africanas, diminui a participação de classes sociais elevadas, aumentando a freqüência de classes de baixo nível social, pois aumentando a prática kardecista, diminui a freqüência da classe proletária, ou aumentando a prática afro-brasileira, diminui a participação das classes altas e aumenta a das classes proletárias".

Isso se pode constatar na própria localização desses cultos na paisagem urbana: os terreiros localizam-se nos subúrbios distantes e pobres da cidade, onde a população em quase sua totalidade é de proletários; enquanto que os outros (Umbanda e Kardec) têm sua localização nos bairros residenciais de classe média e alta".

A observação é válida também para os puçangueiros, rezadores, curadores e pajés. À proporção que a urbanização se implantava na cidade, a classe proletária a que os mesmos pertenciam e pertencem, foi empurrada para periferia da cidade, único local que puderam encontrar e em condições de recebê-los: sem luz, sem água encanada, rede de esgotos e onde o preço baixo dos terrenos ou a invasão ou grilagem dos mesmos, se fazia acessível à sua economia.

Assim, a distribuição espacial da população da cidade está se realizando em termos rigorosamente compartimentados, onde os principais processos ecológicos (McKensie, 1948:38-52) podem ser facilmente encontrados tais como: a concentração (processo social pelo qual as pessoas se reúnem em áreas limitadas, com o propósito social de viver, trabalhar, divertir-se e competir); a especializa-

ção (limitação de atividades individuais e coletivas a uma determinada atividade preferencial ou exclusiva); a dispersão (na qual a concentração em uma nova área implica a dispersão na outra); a centralização (efeito da tendência dos seres humanos de se reunirem em determinados lugares para satisfação de determinados interesses comuns); a invasão (processos de substituição grupal, onde um grupo econômico mais elevado expulsa os outros habitantes com menor rendimento) e a sucessão (completa modificação no tipo de população, entre o primeiro estágio e o último, ou uma mudança completa de uso).

Empurrados para os bairros pobres da cidade, foram desaparecendo os últimos puçangueiros, rezadores, curadores e pajés e os remanescentes destes foram igualmente absorvidos por outros experimentos mediúnicos que emergiram na cidade.

Com o lento desaparecimento dos pajés, desapareceram as entidades que "baixavam" nas sessões de pajelança e que foram absorvidas pelo sistema de crenças do Batuque, da Cura e da Umbanda.

Assim, temos nesse segmento da sociedade os seguintes "especialistas" ou "conhecedores" ou ainda "chefes de culto", que atuam nesses experimentos religiosos:

A) Os que não utilizam como intermediários entidades sobrenaturais prescrevem produtos da flora, fauna ou de origem mineral, para os problemas do corpo e do espírito:

— os puçangueiros, com conhecimentos adquiridos através da transmissão oral;

— os rezadores, que esses produtos com elemento complementar exteriorizante de suas "rezas" (orações ou preces) de origem católica adquiridos por transmissão oral;

— os curadores, que conhecem as rezas, o formulário e a terapêutica, também com conhecimentos adquiridos através de transmissão oral.

B) Os que utilizam como intermediários, entidades sobrenaturais, para os problemas do corpo e do espírito:

— os pajés, que recebem os "encantados", que moram nas "encantarias" (região localizada acima das nuvens e abaixo do céu) e que se agrupam na chamada Linha de Cura ou de Pena e Maracá.

Adotamos a expressão "encantado" da mesma forma como foi utilizada por Galvão (1953) e por Figueiredo & Vergolino e Silva (1972), ou seja: Fracamente assistido pelos sacerdotes católicos e pelos missionários evangélicos, o indivíduo e a comunidade recorrem a outras crenças e práticas que reunidas às católicas, constituem sua religião. O catolicismo é uma filosofia de vida que se sobrepõe a idéias locais, cuja origem é diversa, mas que dependem sobretudo, de influências ameríndias, absorvidas na moderna cultura das populações interioranas da Amazônia.

Nesse mundo sobrenatural, os Santos são entidades que protegem não somente os homens como as comunidades em que vivem, e que devidamente reverenciados sob as formas as mais diversas, garantem prosperidade, saúde e felicidade. Sua atuação, entretanto, não é total, pois existem situações em que sua força é impotente. Essas situações encontradas no mundo sobrenatural e na própria natureza, são fruto da atuação de outras entidades que habitam a floresta e o fundo dos rios.

Esse mundo mitológico tem suas raízes nas crenças indígenas e a própria designação dessas entidades é expressa por palavras também de procedência indígena, que não guardam mais o modelo nem a função primitiva, pois foi reformulada pela influência do catolicismo, dos cultos afro-brasileiros e outros, oriundos do contacto dessas populações interioranas com as frentes pioneiras de penetração nacional.

Vergolino e Silva (1976) define os "encantados" como os agentes sobrenaturais do Batuque e sinônimo de "guia", "santo" e "invisível".

— os pais ou mães-de-santo recebem entidades sobrenaturais que se agrupam em categorias bem distintas (Vergolino e Silva, 1976) e essas prescrevem as formas de alcançar a cura, a prosperidade ou a felicidade.

Essas entidades atuam em dois domínios: o da proximidade (da terra, dos homens, do mal, da imoralidade, dos espíritos trevosos) e da distância (do céu, dos santos, do bem, da moralidade, de Oxalá).

As entidades positivas (+) praticam o bem; as positivas-negativas ($\frac{+}{-}$) praticam o bem e o mal, e as negativas (—), apenas o mal:

— os espíritos "atrasados", "trevosos" ou "terra-a-terra" (—)

— os caboclos e os Exus batizados ($\frac{+}{-}$)

- os mestres (+)
- os pretos-velhos (+)
- os “êres” – estado permanente (+)
- os doutrinadores (+)
- os vodunços (+)
- os senhores (+)
- os em estado de Mana-Zacal (+)

Os pais e mães-de-santo partilham do experimento religioso do Batuque, que aglutina o Nagô, a Umbanda, a Jurema e o Bantu-Ameríndio.

É muito comum encontrarmos nas estantes desses chefes de culto, ao lado de livros e folhetos populares que tratam do assunto e que são vendidos nas portas dos mercados e das feiras, como igualmente nas casas de artigos de Umbanda, publicações de cientistas sociais brasileiros e estrangeiros que escreveram sobre esse tema.

Essa literatura é interpretada por esses agentes, dentro de seu mundo ideológico e é reformulada de tal forma que, o conteúdo da mesma, quando exteriorizada por eles, não guarda mais o seu significado de origem.

Conforme o tipo de culto essas entidades agrupam-se em sistemas e estruturas diferentes.

No Batuque e na Cura, agrupam-se em famílias, falanges ou tribos, linhas e não filiados. Assim temos as famílias de Averequete, Rei da Turquia, D. João Sueira, Rei Sebastião (Xapanã), D. Pedro Ançaço, D. José (Rei Floriano), Rainha Eowá, Príncipe da Espanha, Barão de Goré, João da Mata (Rei da Bandeira); Família ou Tribo de Japetequara; Linha dos Êxus, de Jurema, Ogum e Oxossi; Falange dos Botos; e os sem filiação, onde encontramos os Senhores: Oxalá, Xangô (Badé), D. Luiz, Rei Toia Adoçu, Akossi-Sapatá, Ben-Boçu da Cana-Verde, Rei de Nagô, Rei Salomão, Rei Taculumí, Ubiratan de Jesus, Nanã-Borocô, Rainha Barba (Inhaçã), Janaína, Oxum, Princesa Sinhá-Bê; e os Caboclos: Antônio Luiz Corre Beirada, Boiadeiro da Vizaura, Caboclo Branco, Caboclo Luar, Caboclo do Olho d'Água, Cidalino, Constantino (Baiano Grande), Seu Gavião, Jurupari, Marabá, Marinheiro, Mestre Marajó, Pombo do Ar, Ricardinho, Seu

Risca, Tubian, Herondina, Indaiê, Iracema, Maria Mineira da Luz, Preta da Mina (Leacock, 1972:125-169).

Na Umbanda, agrupam-se em Linhas: Oxalá (Jesus Cristo); Yemanjá (Virgem Maria); Oriente (S. João Batista), Oxossi (São Sebastião); Xangô (São Jerônimo); Ogum (São Jorge) e Linha Africana (São Cipriano). As entidades maléficas estão agrupadas nas linhas de Exu.

Figueiredo (1975:178) nos esclarece que, "Assim, constatamos que muitas das entidades encontradas na antiga mitologia africana e na pajelança, com o correr do tempo foram desaparecendo e, as que sobreviveram, identificaram-se com os santos católicos, e hoje, nessa complexa liturgia, emergem e chefiam "linhas" cada uma delas com sete "legiões". Cada "legião" tem seu "guia chefe", que por sua vez chefia sete entidades menores, cada uma delas chefiando outras tantas, numa progressão infinita, onde se encontram misturados Santos Católicos e Orixás, Voduns e outras entidades africanas, Índios e Caboclos, Brancos e Pretos Velhos, "Encantados" e "Gente Fina" (Príncipes e Barões), povos de civilizações desaparecidas, indus e figuras ligadas ao teosofismo. Cada uma delas é portadora de uma identificação própria, e que, apesar da aparente diversidade litúrgica integrada a cada uma dessas entidades, as mesmas guardam uma identidade de função".

Essas entidades contraem casamentos entre si — monogâmicos e poligâmicos (poliândricos e poligínicos) ou simplesmente se "amigam", dando origem a uma prole numerosa e estabelecendo um intrincado sistema de parentesco, com diversos "arranjos organizatórios" onde é estabelecido um relacionamento formal ou informal entre as diversas entidades.

Tomando por base o Quadro Sinótico do Brasil, formulado por Valente (1955:155-157), completamos com as divindades do Batuque, da Cura da Jurema e do Bantu-Ameríndio do Pará (Quadro I), uma visão comparativa desses Santos e dessas entidades do Brasil.

E os Orixas e "Encantados", que povoavam o mundo sobrenatural nas sessões do Batuque e da Pajelança da "Gostosa Belém de Outrora", desapareceram e emergem reformulados, nos experimentos do Batuque, da Cura e da Umbanda, habitando as "encantarias" localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, da cidade grande.

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R. G. DO SUL
PADRE ETERNO	Ganga Zumba Ganga Zomba Nicasse Oluxa Orixá-Babá Baboké	Oxeguiam Babarobô Xaguiá Orixalá Oxalá Cabocio Bom	Olorum Orumula Oxalá		Olorum Olôô Oxalufan Talabi-Oxalá Babarobô Oxalá	Zambi Ganga Zumba Ganga Zomba Orixá-Alum Oxalá	
JESUS CRISTO	Obatalá Orixalá Oxalá Ouilá Cassumbeci Indacon de Jecun	Orixalá Oxalá Xaguiá Cabocio Bom	Oxalá		Oxalá	Orixalá	
SANTÍSSIMO SACRAMENTO	Ifá Orumita		Ifá			Saponem Omulu-Obalu- aiá	
ESPÍRITO SANTO		Oxalá	Oxalá				Irôco Lôco Oxalá Katendá Tempo

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R. G. DO SUL
SÃO SEBASTIÃO	Katandê Tempo Irôco Lôco	Omulu Omolum Omolum Abelualé Obelualé Abeluché Balualé Omulum -Abedi- nam	Balualé Obelualé Omulu Oxossi Sere F lechas	Omulu-Obalu- aié	Omulu Balualé Sepatê Obelualé	Oxossi-Odé Obaluyasê Oxóssi	Odé-Oxóssi
N. S. DOS NAVE- GANTES	Tempo		Xangô				Iemanjá
VIRGEM MARIA	Iemanjá Oxum	Sereia do Mar	Yemanjá			Sereia do Mar	
N. S. DO ROSÁRIO	Yemanjá	Yemanjá	Yemanjá		Yemanjá	Yemanjá	Oxóssi-Odé Oxum Oxumarê Nanamburucu
N.S. DAS CANDEIAS	Oxum Nanamburucu		Oxum				

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R.G. DO SUL
N.S. DA CONCEIÇÃO	Oxun Yemanjá	Yemanjá Oxun	Yemanjá			Ieu-á Yemanjá	Oxun Oxumaré
N. S. DAS DORES	Ananburucu Nananburucu Nanan Tobossi Orixalá Oxalá Borocó	Nanan Ananburucu Nananburucu Orixalá Oxalá	Nananburucu			Oxalá Nananburucu	Nananburucu
N. S. DA PIADEDE	Yemanjá		Yemanjá				
N.S. DE LOURDES	Oxun Yemanjá		Yemanjá				
N.S. DA PENHA			Yemanjá			Aguará	
N.S. DOS PRAZERES		Oxun Eloisá Obá	Oxun				
SANTA IZABEL	Agóromas		Oxun				

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R. G. DO SUL
SANTA BÁRBARA	Xangô Iansã Ojá	Iansã Nananburucu Ojá Nananburucu Iamessan Alóia Iemesan Xamessan	Yansã Iamessan Iansã-Ojá Inhançan Rainha Bar bara Babassulã ra	Iansã-Ojá Sobo	Ojá Xangô Iansã-Ojá	Oxóá Yansã	Xangô Iansã-Ojá
S. GABRIEL		Exu Ode Exu-Legba					
ANJO REBELDE		Exu-Legba Exu	Exu Legba				
AS ALMAS	Vumbe		Yansã			Quiumbe	Oxóssi-Ode
SÃO PAULO		Ogun		Lisa			
S. CRISPIM (SÃO CRISPIANO)	Ibeji		Do-un			Ibeji	

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R.G. DO SUL
S. BARTOLOMEU	Exu Angorô Oxun-maré	Exu Exu-Legba Oxun-maré	Exu Tranca-Rua			Oxun-maré	
S. JOSÉ	Peixe marinho		D. José				Ifé-Orumila
SANTO EXPEDITO	Odé Ketendé	Odé-Oxóssi	Odé			Odé	
SÃO PEDRO	Xangô Xangô-Valho Ailé Odé-Valho	Nananburucu	D. Pedro Angaco	Xangô			Exu-Lega Bará Exu Nananburucu
SANTO ONOFRE			Xangô				Oxóssi-Odé Ossalin
S. BENEDITO			Verequite	Anifaquêta Verequite		Lingongo	
N.S. DO MONTE SERRAT			Oxun				Nananburucu
N. S. DOS NAVE- GANTES			Yemanjá				Yemanjá Nananburucu

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R.G. DO SUL
N.S. DA PIEDADE	Yemanjá		Jurema				
N. S. DA BOA VIA- GEM							Yemanjá
MARIA (MENINA)	Oxun		Princesa Flora				
N.S. DO PERPÉTUO SOCORRO		Obá	Obá		Obá		
SÃO MANUEL			D. Manoel				Ossain
SANTA RITA		Nananburucu	Iá				
N.S. DA GLÓRIA			Oxun			Oxun	
SANTA LUZIA			Fina Jôia			Ossain	
N.S. DE NAZARÉ			Sinhá Bê				
N.S. DA CONCEI- ÇÃO DA PRAIA	Yemanjá		Oxun				

SANTOS CATÓLICOS	BAHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R. G. DO SUL
SANTÍSSIMA TRINDADE		Oxalá	Oxalá				
N. SENHOR DO BONFIM	Oxalá Orixalá	Orixalá	Oxalá				Oxalá
SÃO MARCOS							Xangô
CORAÇÃO DE JESUS			Oxalá				Oxalá
SANTA EFIGÊNIA							Oxosi-Odê
N.S. DA PAIXÃO			Yemanjá				Omulu Obaluaís
SANTA LUIZA			Oxun				Orumilá
SÃO LOURENÇO	Irôco Lôco Tempo Katenda		Lôco				
N.S. DA BOA MORTE		Nananburucu	Yemá				
MARIA MADALENA		Oxun	Oxun		Oxun		

SANTOS CATÓLICOS	BÁHIA	PERNAMBUCO	PARÁ	MARANHÃO	ALAGOAS	R. DE JANEIRO	R. G. DO SUL
N. S. DA CANDELÁRIA	Yemanjá Nananburucu Yemanjá Saba Oxun	Nananburucu	Yemanjá				
SANTO ANTÔNIO	Ogun	Xangô Anfisquête Odé-Oxosi Verequête	Ogun		Xangô	Bará Verequête Anfisquête Exu das Almas	Exu Exu-Legba Omulu-Obaluaie
DIABO (SATANAÍ)	Exu Leba Senhor Leba Homem das Encruzilhadas Homem da Rua Exu-Legba	Exu Cariapimba Bambojira Tiriri Lonã Exu-Legba	Exu Trença- Rua Compadre	Exu-Legba	Exu-Legba	Exu Bará Zumbi	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIÉGUES Jr., Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Ministério da Educação e Cultura, 1960.

FIGUEIREDO, Napoleão. Religiões mediúnicas na Amazônia: o batuque. *Journal of Latin American Lore*. Los Angeles, University of California Press, 1 (2), 1975.

_____. *Rezadores, pajés & puçangas*. Belém, Universidade Federal do Pará, Ed. Boitempo, 1979. (Série Pesquisas, 8)

FIGUEIREDO, Napoleão & VERGOLINO E SILVA, Anaíza. Alguns elementos novos para o estudo do batuque de Belém. In: *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, v. 2. Antropologia. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisas, 1967.

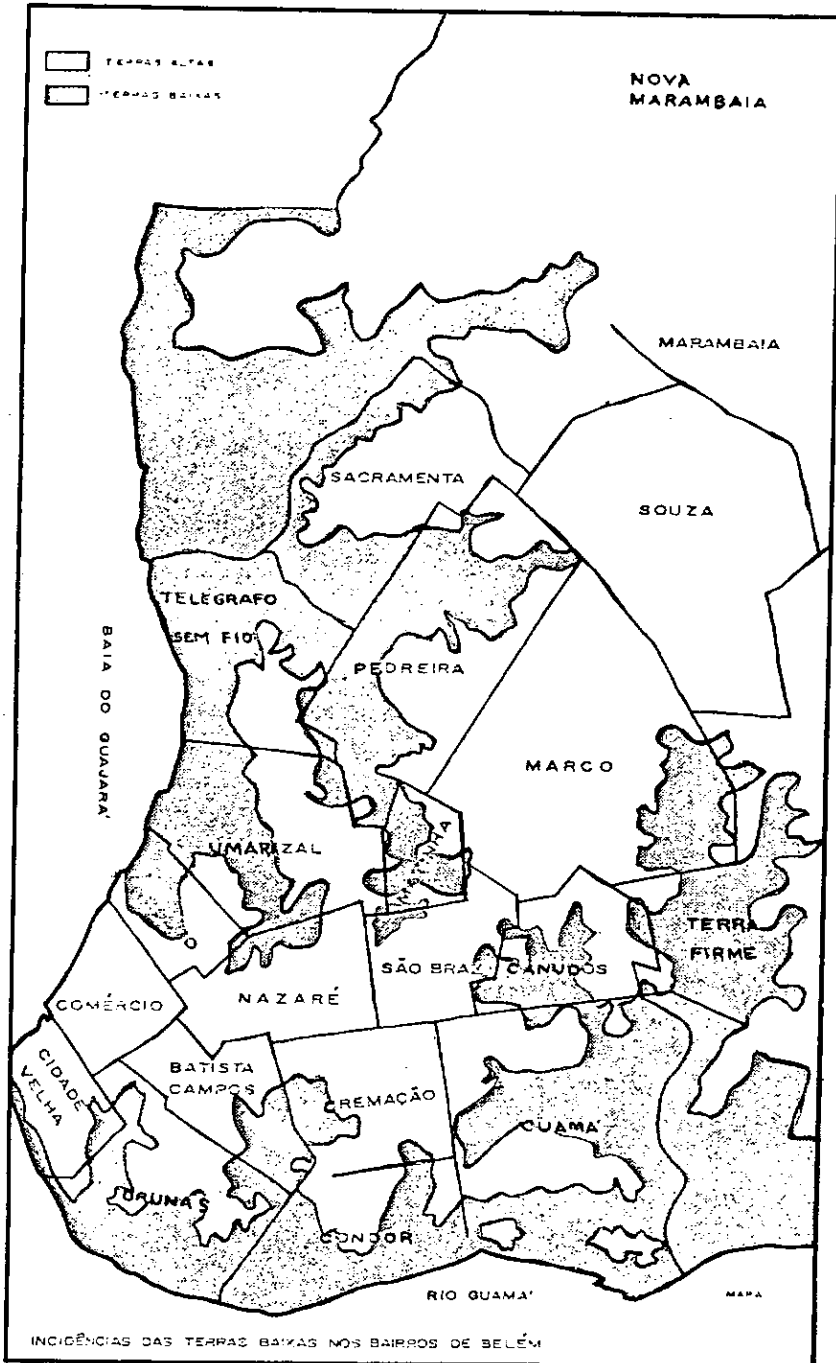
_____. *Festas de santo & encantados*. Belém, Academia Paraense de Letras, 1972.

GALVÃO, Eduardo. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1953. Nova Série, Antropologia, 15.

LEACOCK, Seth & RUTH. *Spirits of the Deep*. New York, American Museum of Natural History, Doubleday Natural History Press, 1972.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso Afro-brasileiro*. São Paulo, Ed. Nacional, 1955 (Brasiliana, 280).

VERGOLINO E SILVA, Anaíza. O tambor das flores: uma análise da federação espírita umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1965-1975). Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado. Cópia xerox.



INCIDÊNCIAS DAS TERRAS BAIXAS NOS BAIRROS DE BELÉM